

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO RIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 38. — SABBADO, 20 DE SETEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

A sua magestade El-Rei o sr. D. Pedro v. — O sertão d'Africa — O Castigo do Senhor (continuação) — Critica litteraria — Retratos dos

nossos homens politicos (continuação) — Uma viagem pela litteratura (conclusão) Valle de Baidar — Bibliographia — Chronica Semanal.

GRAVURAS — S. M. El-Rei o senhor D. Pedro v. — Creanças e raparigas tartaras — Interior d'uma casa tartara — Aldéa e mesquita tartaras.

A SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. PEDRO V.

NO DIA DEZESES DE SETEMBRO.

I

Do povo a voz, Senhor, é a verdade
O povo nunca mente á Magestade:
Essa que Te educou
Para exemplo de Reis; da liberdade
Deslumbrante diadema, em tenra idade,
Na fronte Te assentou!

Eras Neto de Pedro — Eras seu Filho:
Invejou-Te de heroes o nobre trilha!
Da vida ao despontar,
O regio sceptro em Tuas mãos deixando,
N'um sorriso d'amor aos Ceos voando,
D'ali Te foi velar!

E de Pedro immortal ao throno herdado,
Com ser patria de heroes tanto illustrado,
Elevando-Te assim,
Das ethereas regiões solta esta falla:
«Liberta a Patria deixou: e Tu a amal-a,
«Oh Filho, aprende em Mim!»

II

Foram bellas as batalhas,
Que por sua redempção,
Tendo os peitos por muralhas,
Pelejou esta nação!...
A divina liberdade
Assentou n'essa cidade,
Onde o fogo abrasador
Dos canhões da tyrannia,
Não venceu, nem um só dia,
Do soldado o nobre ardor!

Já nas praias da Terceira
A metralha foi cruzar,
Antes de a livre bandeira
Sobre o Porto tremular!..
Mas tambem lá foi vencido
N'esse arrojo destemido
Que contra os livres ousou,
Porque um Rei — um Rei soldado,
À liberdade abraçado,
Livres povo commandou!

Sem throno estava a Rainha!..
O povo um throno Lhe deu:
E da sorte vil, mesquinha,
Os duros fados torceu!..
O livre cantou victoria!
E d'este feito em memoria
O Seu regio coração
Deu-nos, ao descer do solio,
Das batalhas, por espolio,
Esquecimento e perdão!..

Eis, oh Rei, um bom legado!..
E Tu Foste o seu penhor!..
Por isso, oh Rei, És saudado
Com tantos hymnos de amor!..
Nas batalhas foi jurada
Esta divida sagrada,
Que Tu Tens de nos pagar!
Pois d'amor em competencia
Provemos por excellencia
Qual de nós mais sabe amar!

III

És, de certo, o que Levas a palma
N'este nobre certame de amor:
São infindas as provas, que essa alma,
Ao Teu povo tem dado em penhor!

Onde o pranto um consolo reclama,
Regia mão lá lh'o vae dispensar,
No segredo que esmalta, e recama
A virtude, que assim sabe dar!

Onde o genio proclama um artista;
Onde a fama se mostra acender,
Ajuda-a vae logo, bemquista
Tua regia vontade e poder!

Porque artista Tu És — Tu És sabio!
Porque Présas os dotes da paz;
Porque Sabes que a gloria d'um Fabio
Ante a gloria d'um Tito é fugaz!

Mas nas artes da guerra estremado,
Ai! quem ouse Teu povo atacar!..
Que Teu sceptro, em espada trocado,
Sabe os foros da patria vingar!

IV

Salve, salve, oh Magestade,
Salve, estrella do porvir;
Este dia — n'essa idade,
São esp'ranças a florir.

Sobre um anno de reinado,
Já nos fastos memorado,
P'ra gloria sua, e do Rei,
Alegre espera, este povo,
Outros mil surgir de novo,
À sombra da paz e lei.

O SERTÃO D'AFRICA.

O interior da península africana é muito pouco conhecido dos europeus, e será, provavelmente, a derradeira parte do mundo aonde penetre a luz da civilização. O *monstrorum ferax* dos romanos, ainda hoje justifica de algum modo aquella qualificação, mas é preciso confessar que muito se tem exagerado quando se trata da barbaridade dos negros d'África. Nem o paiz nem o homem são demasiadamente conhecidos por nós, e os viajantes que se tem aventurado n'aquelles vastos sertões, nem sempre contam o que viram com inteira imparcialidade.

Resulta de tudo isto que as idéas que vogam na Europa acerca do interior d'África são, pela maior parte, falsas, e que o juizo que se faz dos seus habitantes está longe de corresponder á realidade.

Seria grande atrevimento em nós o suppor-nos habilitados para lançar a precisa luz sobre o assumpto, dissipando d'uma vez as trevas do erro de tantos séculos. Com mais vastos conhecimentos do que não temos, havendo mesmo peregrinado muitas leguas pelo sertão dentro, o que nos não succedeu, ainda assim, não seria nos estreitos limites d'um artigo de jornal que pensaríamos em tratar profundamente um objecto, que tem merecido a attenção de tantos sabios. Vamos unicamente colligir, sem methodo nem ordem mesmo, os apontamentos que tomámos na costa d'África a respeito do sertão, correspondente ás possessões portuguezas da parte occidental, situadas entre 5 e 16 graus de latitude sul, desde Molembo até Cabo Negro; e já que não podemos dar um trabalho completo, caiba-nos ao menos a satisfação de assegurar ao leitor que tudo que aqui vir escripto é verdade. Creemos que mais vale pouco e solido, do que muito mas vaporoso.

Forma-se geralmente idéa que o sertão d'África é estéril como grande parte dos terrenos da costa, quando aliás se encontram campos fertilissimos a centenas de leguas do mar; supõe-se communmente que os negros do interior são nomadas, sem religião nem governo, sempre ferozes e vingativos, quando a verdade é que no sertão se encontram cidades graciosas, compostas de habitações não solidas, mas commodas e agradaveis; que, em materia de religião, se reconhece um ente supremo n'alguns d'aquelles paizes; que tem leis tão bem estabelecidas como nós; e que, finalmente, se encontram tantas virtudes entre os negros d'África como no meio dos povos civilizados. O viajante, a quem os incommodos d'este clima ardente e sem vias de comunicação, tornam aborrecido, e muitas vezes injusto, virga se no pobre negro dos soffrimentos da jornada. Chama-lhe cruel, traidor, falso, lubrico, bebado, desamorado, vendedor de seus proprios filhos... Tem razão; ha de tudo isso no sertão d'África; mas perguntamos: — E o que se encontra na Europa? E o que se passa na parte mais policiada da America?

É preciso sermos justos. Com esse desejo escrevemos estas linhas. Que importa o proverbio que diz: Todos os povos da terra tem algumas qualidades boas, menos os africanos! E se Santo Agostinho, apesar de nascido em Africa, dizia: «que era tão difficil, sendo africano, deixar de pender para a incontinencia, como ter nascido em Africa e não ser africano»; devemos combiar que a incontinencia não resume em si todos os vícios e maldades.

A parte do sertão africano, a que mais particularmente vamos referir-nos, tem sido menos explorada do que os terrenos que banha o Senegal e o Gambia, por onde tem peregrinado varias commissões scientificas; entretanto as noticias que colhemos de diferentes viajantes, principalmente do major Garcia, e tenente Corrêa, de marinha, habilitam-nos a entrar sem receio no assumpto.

O primeiro d'estes viajores sertanços contou-nos em Mossamedes o trabalho que teve em Quicuto, aonde as creanças nunca tinham visto um homem branco. Foi obrigado a estar occulto durante o dia, em uma cubata, e sair unicamente de noite a respirar o ar livre dos campos. Todavia, nos diferentes paizes que atravessou, foi sempre bem tratado, e obteve concessões especiaes de muitos dos sobas com quem esteve em contacto.

São conformes todos os exploradores do sertão em declarar saudaveis os sitios de Huilla, Jau, Faiona, Cuhaes, e outros paizes comprehendidos entre as latitudes de Benguella e Mossamedes, incluídos tambem os residios de Quilengues e Caconda, que não gosam na Europa os melhores creditos de salubridade! Os caminhos é que matam, não são os presidios, porque é preciso a cada viajante cortar estrada para si entre o matto fechado, atravessar rios caudalosos seguro á cauda d'um boi, ir provido d'agua e mantimentos, que não encontrará durante alguns dias de marcha; embora depois repouse a vista sobre uma vegetação luxuriante, saboreie optima caça e preciosas fructas, veja rebanhos immensos de todo o genero de gado, apar de minas de metaes preciosos, mais facéis de explorar do que as do Mexico e do Perú, emfim todo o genero de riquezas naturaes, que Deus pode lançar, como uma benção, sobre o solo!

A mandriice dos negros não permite, todavia, que estes logares ferteis, pittorescos e sadios, apresentem o aspecto da riqueza que realmente possuem. O negro, em geral, quando tem o estomago cheio, deita-se ao sol, fumando no seu caximbo, e pouco lhe importa com o dia de amanhã. São as mulheres que quasi sempre lavram

as terras, e trabalham em outro qualquer mister, para sustentarem aquelles madraços!

O uso de vender os prisioneiros de guerra e os criminosos do paiz, não é commum em todo o sertão d'África, e ainda menos o vilissimo costume de traficar com os proprios filhos. Se os sobas andam sempre em guerra entre si, nem por isso o roubo é vulgar nos campos, e pode dizer-se que não penetra no povoado.

Por causa d'essas continuas guerras são as principaes aldeas cercadas depaliçadas, com o que evitam as surpresas do inimigo.

Em geral os negros são mais pastores do que agricultores, porque em quasi todo o sertão se conta a riqueza d'um soba pelo numero de cabeças de gado que possui; e vendendo elles aos europeus quanta cera, marfim e urzela podem alcançar, tem comtudo repugnancia em lhes vender os seus bois e vacas.

Em muitos districtos usa-se do leite, acompanhando a comida, em vez de agua ou vinho; n'outras partes faz-se uso de uma bebida chamada gomgo, que se extrah de um fructo do mesmo nome, de gosto simfihante á castanha do Maranhão, e tambem se bebe a hella, que igualmente se extrah de um fructo chamado massamballa.

É raro o negro, e mesmo a negra, que não fume; por isso no sertão se cultiva muito tabaco, tão bom como o do Brasil, e com particularidade uma qualidade, que se denomina pango, e que produz uma completa embriaguez. Como na China succedia com o amphião, acontece na Africa com o pango. Os homens serios só o fumam a occultas, e os relaxados em publico. É o mesmo que vemos passar com as bebidas alcoolicas nas outras partes do mundo.

O vestuario d'esta gente reduz-se a uma tanga ou sendal, e algumas vezes usam de pelles de feras, lançadas ao hombro, quando as matam pela sua mão, o que lhes dá consideração entre o vulgo.

Os sobas e grandes dignatarios usam de capa magna nos dias de gala. Quasi todo este gentio acredita na immortalidade da alma; e existe de ha muito nos sertões uma sociedade, denominada Quissouco, da qual fazem parte alguns sobas, e cujos bens são communs. Vêde onde nasceu o communismo! Acrescentam, porém, os membros da associação, que não ha exemplo de exigencia alguma além do necessario!... Eis o que por cá não succederia se se estabelecesse o Quissouco.

Em todo o sertão para o sul de Benguella, a negra que dá á luz dois gemeos, entrega um d'elles ao soba, que é obrigado a mandal-o criar, e só depois o restitue a sua mãe. Nunca aos negros pequenos se tira o leite; são elles que o deixam de moto proprio.

Os herdeiros dos sobas em todo o sertão d'África, não são os seus filhos, mas os seus sobrinhos, filhos de irmã, porque não tem confiança nas proprias mulheres, e só d'esta maneira estão seguros de que seja sangue seu!... Parece-nos uma boa idéa dos preinhos.

A maior dignidade entre os negros é o sobado, especie de realza absoluta, com poder sobre vidas e fazendas, sujeita porém a continuos ataques de revolta, além das eventualidades da guerra. Segue-se o amba, senhor absoluto nas suas libatas, menos o direito de mandar matar. (Chama-se libata á reunião de diferentes cubatas ou ebanhas, subordinadas a um século ou chefe de familia.) Denominam-se macotas os conselheiros e ministros do soba, e quissongo o primeiro macota, ou presidente do conselho privado.

O soba espancado pelo seu povo, não pode encarar outro soba, e só recebe soccorros indirectos do seu antigo alliado. O herdeiro do sobado não pode residir no paiz que hade um dia reger, isto para deseanso do reinante, que não quer ser envenenado, ou sacrificado de outro qualquer forma. Muitos d'estes herdeiros residem em o nosso presidio de Quilengues, sustentando-se dos roubos, que mandam fazer por gente sua nas terras da sua naturalidade, roubos estes que o soba é obrigado a pagar!

D'este sertão, a que principalmente nos referimos, o logar mais formoso é a Huilla. Todos os viajantes concordam em dizer que o seu clima é igual em salubridade ao do meio dia da Europa, e que na estação invernososa se acham cobertos de neve os picos das suas montanhas.

Encarecem a fertilidade d'aquellas campinas, retalhadas por correntes de agua purissima; apresentam-nos em seus plainos o algodão espontaneo e abundante, e a facilidade de cultivar com resultado tanto os productos tropicaes como os da Europa.

O Jau, com ficar mui proximo da Huilla, é-lhe inferior em clima e produção, e assim tambem os pequenos estados circunvisinhos—Umpata, Hay, Quipungo, Quihita e Gambos. N'este ultimo districto ha abundancia de minas de ferro.

Um viajor do sertão, o sr. Brochado, escreveu em 1852 uma interessante memoria sobre estes e alguns outros pontos do interior d'África, comprehendidos entre Benguella e o Cabo Negro, dando ahí uma minuciosa noticia do curso do rio Cunene, um dos mais importantes d'estas partes, e que, segundo o autor, é abundantissimo em jacarés e hippopotamos.

Pouco antes haviam atravessado todo o sertão do oriente para o occidente, tres moiros de Zanzibar, permutando no caminho as fazendas, que traziam, por marfim e escravos. Em trezentas leguas de marcha, aproximadamente, encontraram serras de difficil accesso, grandes desertos, muita falta de agua, e afinal o obstaculo de um

grande lago, para transpor o qual lhes foi preciso construir uma jangada. Esta e outras importantes expedições ao sertão d'África, se acham minuciosamente relatadas nos *Apontamentos d'uma viagem*, pelo sr. C. J. Caldeira.

No sertão de Benguella para o norte, os costumes são quasi os mesmos, e o clima tambem se torna mais sadio e agradável á proporção que se avança para o interior. Quasi todos esses presidios, cujas denominações o vulgo repete com horror—Pedras negras—Encoje—Ambaca—são logares saudaveis, como se não encontra nenhum no correspondente litoral.

Todos sabem como o geral dos negros acredita em feitiços, e traz sempre consigo o protector manipaço, que pode ser, indifferentemente, um boneco, um chavelho, uma argola ou outro qualquer objecto. Ha, como em toda a parte, no sertão d'África homens esportos, que vivem de enganar os credulos, fazendo-lhes prophcias, e propondo-se a curar lhes qualquer doença com certas momicas e palavras magicas, porém estes feiteiros correm o risco de perder a sciencia com a vida, se acaso não acertam com os desejos do soba ou de algum macota.

No interior da Africa o europeu viaja deitado em uma rede, tipoia ou maxila, transportada por dois negros; ou pode montar em um boi-cavallo, que é muito commodo, e se encontra com facilidade. Diz-se que tambem, em alguns logares, ha uma especie de camellos ou dromedarios.

A irregularidade das chuvas, e as nuvens de gafanhotos que ás vezes se precipitam sobre as searas, são os dois maiores inimigos da vegetação d'estes paizes riquissimos, que só uma indolencia como a nossa deixaria ao abandono, e até por explorar!

F. M. BORDALO.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação.

V

EXPLICAÇÕES DE VINTE ANOS.

Inda bem não tinha anoitecido e já nós pediamos á nossa historiadora, que nos dissesse o que tinha sido feito dos habitantes da casa isolada.

—A casa, começou Bertha, já não parece a mesma que foi, pois se acha completamente reparada, e até com muito luxo. D. Carlos, que deixou Portugal ha quasi vinte annos, pouco depois do seu casamento com D. Luiza, não hesitou em vender em Paris, onde se achava, aquella habitação quasi em ruinas, inda que tivesse sido de seu pae, porque não tencionava voltar ao paiz em que nascera; e por isso tudo se concluiu com Luiz de Sepulveda, que a comprava como procurador de seu tio Roberto Guilherme.

Eram elles que ali moravam, com os dois filhos de Roberto, Laura e Fernando. Só era de admirar que tornando, havia já quatro annos, a apparecer alguns roubos pelas visinhanças, este palacio nunca tivesse sido atacado, havendo de mais noticia tão certa, como taes noticias podem ser, de que o senhor Sepulveda era riquissimo.

Não devia porém admirar menos que estes bons amigos, que tanto pareciam estimar-se, e a quem não faltavam as commodidades da vida, andavam sempre tristes e pesarosos, como se remorso ou desgraça lhes enlutasse a alma.

As dez horas d'um formoso dia de verão estavam todos reunidos n'uma sala do palacio, e Laura desenhava com pressa uma linda paisagem; mas pouco mostrava entreter-se com esse trabalho ameno, porque d'instante a instante suspirava, e encostava a fronte á sua formosa mão, e os annellados e negros cabellos que lhe aformosavam o rosto alvo e pallido, tentavam occultar os olhos mais negros e mais bellos ainda.

Havia tempo que receiava algum assalto á sua casa, porque durante muitos mezes tinha sentido rumor de vozes que fallavam pelas horas altas da noite, e tinha dito a Fernando para que a acompanhasse n'esse mesmo dia, logo que todos se recolhessem, afim de conhecer esse mysterio, sem que o revelasse a Roberto, por lhe poupar um desgosto, ou para se poupar a que elle a alcunhasse de medrosa. Tudo estava determinado, e por isso ella tremia.

Fernando, a pouca distancia, tinha um livro aberto sobre os joelhos, mas não era o livro que lhe occupava o pensamento, porque nem para elle olhava um só instante, e apenas se via de momento a momento encarar Laura, e se por acaso os seus olhos encontravam os da formosa virgem, corava o pallido mancebo como se fizera um crime atroz.

Todos os habitantes do palacio renovado eram tristes como se foram estatuas de melancolia, presididas por pensamentos de diversos esculptores, porque o senhor Roberto Guilherme e o seu sobrinho e secretario, no fundo da sala, não estavam mais alegres; e o rico e poderoso senhor tinha os olhos fitos sobre uma comprida carta que se achava sobre a mesa, e fallando baixo ao seu companheiro, dizia-lhe sem que mais ninguem o ouvisse:

— Eis a sentença da minha condenação!

— Era impossível retroceder: a vossa vida é indispensável áquellas duas creanças.

— Sim, continuou Roberto, aceitei a minha sorte, que teima em querer expiar os meus delictos. A vossa companhia é o meu refrigerio unico.

— Não jurei eu acompanhar-vos sempre? tornou elle.

Mas antes de progredir n'esta veridica historia, leiamos a carta que tantos cuidados dava ao pae de Laura.

Chefe.

Tem passado quasi dezeseis annos que estamos separados, já ninguém se lembra de nós; voltámos pois todos os que a sorte quiz poupar, aos logares que deixámos, quando o governo real ordenou que nos dispersassemos. Fizestes-nos a promessa de nos acompanhar até á morte; quando o mundo vos expulsou, achastes em nós amigos, enriqueceste ao nosso lado, que eris pobre e miseravel quando nos unimos. Será Roberto Guilherme capaz de faltar ás promessas do Castigo do Senhor? Além de que, vós dispondes de sommas consideraveis; emquanto fordes nosso chefe tendes esse direito, mas desde o momento em que vos negardes a isso, devemos considerar-vos como um infame que nos illudiu, e não hesitaremos em fazer a justiça que nos cumpre. Voltae a Portugal, comprae a casa que se acha á venda, mandae edificá-la novamente, nós nada mais queremos do que a vossa companhia. Nós viveremos pelos subterraneos como outr'ora, e vós no palacio; a vossa presença ali afugentará suspeitas. A familia que tendes vos acompanhará; sabemos que tendes dois filhos, elles ignorarão tudo, mas vinde, aliás elles tudo saberão pelas cartas e papeis escriptos por vós e de que elles facilmente conhecerão a letra; se quereis conservar-vos puro a seus olhos, vinde.

E no fim d'esta carta haviam mais de vinte assignaturas.

Roberto ou Paulino, a quem já conhecemos, quiz não obedecer á ordem d'esta carta, mas os seus antigos companheiros eram bem capazes de cumprir a sua promessa, de o deshonrar aos olhos de seus filhos, e mesmo de o assassinar, ficando assim abandonadas as creanças que elle jurara pelo filho de Luiza proteger, ao preço ainda da sua mesma vida; e como o seu amigo Theodoro, que sempre o acompanhara como lhe dissera ha vinte annos, se resolveu a seguir-o ali de novo, havia quasi quatro annos que, reparado o palacio velho, elle se achava de novo chefe da antiga cohorte de sangue.

Não ia já o Castigo do Senhor ás correrias de pilhagem e de crime, mas servia para que á sua sombra se não podesse erer que existiam ali os saltadores que infestavam os caminhos novamente. Por alta noite ia sempre junto dos seus companheiros, que viviam como n'outra epoca os conhecemos; mas ia exercer sempre a autoridade soberana que conservava ainda, para salvar alguma vida, e poupar algum desgraçado.

Paulino dobrou vagarosamente a carta que fechou na gaveta da sua secretaria, e guardando a chave, disse ao seu companheiro:

— Vem, vamos descansar um pouco ás sombras do jardim.

Não parecia o mesmo homem, que merecera o amor da filha de D. Ramiro. Os cabellos tinham embranquecido todos, os olhos já não brilhavam com o mesmo fogo, as faces, encovadas e pallidas, mostravam bem que tinha perto de sessenta annos. Estes vinte annos, e os seus tantos soffrimentos, pesavam horivelmente sobre o desditoso, que só tinha como consolação ter sabido por Theodoro, quando foi comprar a casa de seu pae a seu irmão, que seu filho vivia contente ao lado do tio, a quem julgava pae. Mas soube-o pela idade do mancebo, que por mais era impossível; e todos julgavam o filho de D. Luiza filho igualmente de seu esposo, tal era a sua ternura para o mancebo.

— Então, meu pae, gritou Laura, surprehendida pela saída do velho, ides-vos, e deixae-me aqui só?

— Então Fernando, perguntou Paulino, não basta para te acompanhar?

— Em verdade, diz Laura, excellente companhia; ou não diz uma unica palavra, ou então falla em coisas... ora meu pae, sempre que vos vejo sair de ao pé de mim, ainda que seja por pouco tempo... juro que... quem sabe? tenho medo de perder-vos.

E a creança enlaçava os seus formosos braços em torno do pescoço do Castigo do Senhor. Na frente de Fernando manifestava-se esse desespero dos vinte annos, de não se poder gosar no mundo o que o pensamento sonha; era a quadra perigosa da existencia, em que a realidade começa a desdobrar o seu manto imperturbavel, occultando para sempre os devaneios imaginosos dos alegres sonhos pueris.

— Não seja a nossa separação, e sorria dizendo estas palavras o irmão de D. Carlos, nunca mais longa do que agora; vou ao jardim, minha dona lastimosa, para te escolher a mais bonita rosa que achar lá.

— E eu acompanho-vos, tornou ella.

— Deus nos livre; então não era eu que te escolhia o presente da flor, quererias tu escolher, e quem sabe se não ficaria nem um unico soldado n'essa hoste da creança.

— Bem; e já Laura estava zangada com o seu protector, e amarrotava as rendas finissimas do seu avental bran-

co; olhae para Fernando, como está pesaroso, parece um peccador de feios e terriveis peccados.

E de feito, o rosto de Fernando tinha um não sei que de amargo e doloroso, mas ergueu-se, e forcejando por sorrir, disse á sua companheira de creança, pegando-lhe nas duas lindas e bem formadas mãos:

— Vamos, Laura, não condemnes a minha tristeza, heide esforçar-me por não te entristecer. Queres ver?

— Hade querer, tornou o velho tomando o braço de Theodoro.

— Então ides, não é assim, meu amigo? tornou a creança indo sentar-se em uma cadeira, e encostando-se ao fogão, que de ha muito os raios ardentes do estio tinham ordenado não luzisse nem brilhasse como nas frigidias noites do inverno.

E Paulino desceu ao jardim, deixando unicamente no salão os dois jovens companheiros.

Fernando parecia estar bem pouco para cumprir o que promettera ao seu protector; passeava agitado pela sala, e d'istante a instante parava crusando os braços sobre o peito, e dominado por idéas profundamente magoadas, que o opprimiam de ha muito. Tinha passado seis mezes que a alegria o deixara, e tudo fóra desde o dia em que Paulino lhe dissera, como a Laura, todo o segredo da sua vida, e em que soubera que não era filho de Roberto Guilherme, como elle chamava ao homem a quem devia tudo; desde então já não vira a menina Laura como sua irmã, mas o seu encontro junto d'ella dava-lhe o receio terrivel de que poderia ser do mesmo sangue, mas como lhe não dava a certeza, porque eram bem diferentes os signaes porque poderiam ser reconhecidos, como via que no abandono de Laura se mostrava o desejo de a poderem encontrar, e pelo contrario para com elle não havia mais do que desprezo, acreditava que nada tinha mais do que o acaso que os levara ao mesmo sitio, e que o sentimento que o impellia para a que chamava sua irmã, era além dos laços da convivencia, o amor mais santo e desvelado.

Fernando amava Laura, mas temia revelar-lh'o.

Laura era tão innocente, amava tanto correr pelos campos atraz d'uma borboleta, ou em busca de uma flor, que o mancebo temia ir acordar na sua alma candida um novo affecto que podesse amofinal-a, ou temia talvez ainda mais — não ser correspondido.

Eram todos estes pensamentos que o torturavam.

Laura ao cabo de alguns momentos disse ao seu irmão dos brinquedos infantis:

— Muito bem, tendes bonita palavra, assim é que cumpris as vossas promessas? Não fazeis senão passear, como se eu nem sequer aqui estivesse; nem vos dignaes olhar para mim.

— Olha, minha amiga, disse elle, se tu quizessees... mas não, é impossível. E inclinava-se sobre as costas da cadeira em que estava Laura, que apertava suavemente a cintura de Fernando. Eu devo calar-me... morrer talvez.

— Ora é muito, Fernando, exclamou ella, pondo-se em pé; fallar de morte... confesso que começo a receiar que estás louco, meu pobre irmão! quem te transtorna de tal modo?

— Tu, disse elle, e afastou-se do lado da donzella, enxugando a furto uma lagrima que lhe rebentava dos olhos negros e brilhantes, como prognostico da sua intensa dor.

— Eu? bradou Laura espantada, oh! agora é que hão de cair todos esses impossiveis de que fallaste, agora é força que tudo me contes, aliás heide contar ao nosso protector, dizer-lhe que tu queres morrer, que soffres muito, e que me accusas de culpada. Olha, meu querido, ou a mim, ou a meu pae contarás as tuas penas. Se eu puder dar-lhe consolo, acredita na amizade da tua boa irmã; e abraçava o pobre abandonado, que estremeceu ao contacto da formosa filha de Paulino; aliás é o teu... é o nosso pae que hade curar-te.

— Escuta, amiga, dizia Fernando, beijando as mãos da sua Laura, e ajoelhando diante d'ella, como diante d'uma imagem santa; cre que se eu podesse fallar diante de ti, e tirar-te essa idéa, que te apresentei no meu delirio, sem que tu me odiasses, juro-te que o faria; mas eu temo, não posso dizer quanto sinto; olha, acredita que sou muito desgraçado.

— Attende, meu irmão, dizia a donzella, eu seria muito feliz cortando todo o teu pesar.

— E se eu te dissesse, continuava o amante apaixonado, que eu seria feliz sendo teu esposo?!

— Dir-te-hia, tornava Laura, que eu era feliz por fazer a tua felicidade.

— Como! exclamou Fernando erguendo-se; mas esse teu coração que é puro e virgem, que não conhece esse fogo desesperado com que o amor queima o espirito, que não sabe as delicias tremendas d'uma paixão louca e perdida, que vive unicamente da innocencia, não treme, não recua diante do peso enorme que uma só palavra ergueu diante de ti, e diante do que tu devias recusar?

— Não, disse socegradamente a menina innocente; sei que tu julgas a felicidade n'essa posse, que me accusaste de culpada nas tuas desditas, e que eu quero curar o mal de que me julgas criminosa.

— Não, não, dizia o mancebo, é certo que não podiam passar mais dias sobre mim sem que eu rasgasse este veo de indiferença com que tenho coberto a minha alma; mas não é assim de leve que podem ligar-se duas

almas; eu amo-te perdidamente, uma palavra tua d'um puro amor daria ao meu espirito a ventura que sonhei; o teu desprezo levar-me-hia, eu sei, ao pégo de todas as paixões más. Roberto Guilherme que nos ama, só desejará a nossa ventura, mas eu, eu que te amo como se pode amar no mundo; e apertava nas suas mãos, as mãos da virgem; eu que tremo ao ver-te, e que sinto as tuas mãos tranquilladas como se um irmão as apertasse, eu que vejo o teu olhar puro e socegado como encarando o rosto de um pae, eu recuo diante d'essa tua frialdade a que chamas amor. Ah! filha, filha! e fitava como louco os olhos meigos e tranquillados de Laura, chammejando fogo devorador de seus olhos ardentes; dize, se hoje soubesses que eras verdadeiramente minha irmã, não choravas lagrimas amargas?

— Não, tornava Laura, com o socego dos anjos, ficaria alegre e feliz, porque tu me abraçarias venturoso.

— Meu Deus! bradou Fernando Affonso desesperado; e se podessem dizer-te amanhã que eu tinha dado a mão de esposo a outra mulher que não fosses tu, minha querida Laura?...

— Se d'ahi viesse a tua ventura, accrescentou Laura, sem que a menor alteração commovesse a sua voz argentina, eu abraçaria contente a tua esposa.

E um raio que fulminasse o filho adoptivo do Castigo do Senhor, não teria feito pender e curvar o corpo robusto de Fernando, e nada poderia colorir-lhe as faces de mais morbida pallidez: o desgraçado viu que não era amado, arrimou-se ás costas de uma cadeira, sentou-se depois para não cair, e só pôde dizer estas palavras:

— Ai! Laura, Laura, tu nunca me tiveste amor!

— Ai, dizia ella, tu soffres e eu juro que heide cortar todos os teus males.

— A ti, filha, dizia elle d'um modo quasi imperceptivel, cumpre-te a tranquillidade dos anjos, e a mim o germen das paixões más. Eu amo-te, só a posse da tua alma me faria venturoso.

E Laura, ao ouvir estas palavras, largava seu irmão, e batia as palmas como uma creança que se julgava feliz e bradava com riso:

— Fernando, Fernando, nunca mais serás triste, em vindo meu pae, vou dizer-lhe que heide ser tua mulher, que quero casar contigo, e juro-te que elle hade ceder.

— E julgas-te feliz? perguntava elle anciosamente.

— Não sei; mas creio que sim, porque d'ahi vem a tua felicidade.

E Fernando caía do alto da montanha no abysmo, e não ouvindo as phrases da donzella, mas lendo no seu coração, chorava de magoa e de dor.

Paulino entrava no salão.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

CRITICA LITTERARIA.

SERMÕES, POR FRANCISCO SOARES FRANCO.

O juizo critico de um livro que tem de ser encarado pelo lado litterario, e pela materia de que trata, não é encargo tão facil, que se lhe metta hombros sem muita meditação e estudo.

Apontando o livro de que vamos tratar, esquivar-nos-hemos a maiores preambulos, e dispensaremos assim, por uma facil transição, as introduções que se muitas vezes ostentam sobejas vaidades litterarias, escasseem na analyse, que deve ser o ponto principal a que se mire.

O livro foi ha pouco annunciado n'este jornal. É o seu titulo: SERMÕES, por Francisco Soares Franco Junior.

Logo ao relancear-lhe as paginas vemos estampados n'ellas milhares d'esses hymnos que arrobam o espirito, e enternecem a alma. Lendo-o, e meditando-o, não admira o effeito que o moço orador causa nos ouvintes ao pronunciar no pulpito os seus sermões. Senão véde, no de Santo Agostinho, entre mil outras bellezas, esta pintura das paixões:

«No código das paixões ha uma pagina que o homem soletira aos vinte annos, e soletira-a hoje, e amanhã já lê profundamente, e depois truncam-se as letras, baralham-se as sombras, e restam apenas amortecidas cinzas do que já fóra, enleadas á memoria como o espirito ao corpo.

«Esta pagina é o amor! — ou o amor puro da espiritalidade, ou o amor abjecto da devassidão...»

«Via debaixo dos pés o abysmo rasgado, mas não lhe media as alturas, porque desejava despenhar-se-lhe no fundo. Os sentidos mentem ao homem, mas a imaginação exalta-se por elles. Quem se não tem sentido arrebatado nas magicas vibrações da harmonia; que arpa afinada pelos sons dos anjos, não levará d'alma dores e magoas, curvando-nos novo Saul ao poder da inspiração; que navegante se não perde pelos cantos mysteriosos da serêa; quem se lhe não dilata o pensamento ao contemplar a immensidade, ao ler as letras d'ouro de que se esmalta o ceo, e em que se descreve o poder do Creator?...»

«O coração impera como um despota, e rasga sempre as paginas em que a razão escreve um syllogismo...»

E no sermão das Angustias os seguintes trechos:

«Quem ha ahi pela terra, que no percorrer dos seus dias não topasse ainda com o amor da mãe, sempre santo, e sempre desvelado?!



D. PEDRO V.

«Quem ha que possa desdobrar essa pagina immortall e divina do coração da mulher?!

«A maternidade é um sacerdocio elevadissimo que Deus offerta á mulher. A maternidade não precisa de santificar-se para que seja sagrada.

«A mãe é a cadêa que prende os homens a Deus, ainda mais pela abnegação dos seus affectos, do que pela gratidão simultanea. O mais santo, o mais nobre amor é o da mãe...

«Que se levante a voz, que brade contra mim o coração da mulher a desmentir-me.»

«Que mulher, santa e virgem ainda pelo pensamento, não tem visto saltar sobre os seus joelhos o filho que loucamente estremece; que alegre o não tem visto crescer e medrar debaixo dos seus dedos maternas; e não tem derramado lagrimas pelo soffrimento do pobre innocentinho; e não tem deposto um beijo de dôr e de pesar sobre as faces descoradas da creança que soffre?!...»

E finalmente, estes:

«Que mulher se não tem sentido engrandecer pela gloria de seus filhos; e não se teria erguido por um justo e sabio orgulho (se tanto coubesse nos preceitos santos do Christianismo) ao ver os homens que se curvam diante d'esse filho!... d'esse filho metade da sua alma.»

«Quem ha que não tenha visto nas lutas da agonia, um pae, ou um filho, ou um esposo; e que se lhe não tenha partido a alma de dôr ao ver a morte entrando a passos largos no ente que se amou; ao ver os olhos



Creanças e raparigas tartaras.



Interior d'uma casa tartara.

que se fecham já nas convulsões do martyrio; ao ver a mortalha que lh'o rouba, que lh'o leva, que lh'o arranca dos braços; ao ver as portas d'um sepulchro que se cerram para nunca mais se descerrarem; e o brilho d'aquelles olhos em que lemos a nossa alma, a extinguirse para sempre; e aquelles braços que nos abraçaram, prostrados para nunca mais se levantarem.»

A poesia do estylo casa-se tão harmonicamente com a verdade do simile ou da imagem, que a convicção vae gradualmente penetrando no espirito, á proporção que se avança na leitura do livro. Ainda apresentaremos aqui mais outro trecho para o comprovar:

«Sonhae as nuvens encantadas de perfumes em que se eleva o espirito nos trances de um puro amor, e sonhareis o seu prazer, e a sua dita, e a sua ventura; e conhecereis então que ninguem jámais foi na sua felicidade engrandecida, como a pobre fugitiva dos anathemas de Herodes.»

Como este, ha milhares que pudemos transcrever, e que apesar de truncados da sua deducção logica, haviam necessariamente convencer o leitor do cuidado que empregámos n'esta rapida analyse. A sua deducção vae tão seguida, e é tão verdadeira, que o espirito se consola em ver desvanecida a duvida, se acaso a teve, ou comprovada a fé n'esses mais altos mysterios que não é dado á comprehensão humana devassar. Como convence o orador,



Aldêa e mesquita tartaras.

quando, no mysterio da Eucharistia, para provar que a fé é bastante para o acreditar, exclama:

«E eu pergunto á philosophia o que lhe tem ensinado os sentidos isolados, na historia dos tempos e do mundo? E contam-me os seculos que disseram os sentidos ao philosopho, que o nosso globo estava firme no espaço, e que lhe gyrava o sol em torno, como acreditou Ptolomeu, e todavia a philosophia sabe que lhe mentiram os sentidos, e que condemnou Copernico esse absurdo do passado; e vêem os sentidos uma estatua de ouro na apparencia, e nada mais é do que um pobre metal galvanizado, e sabe a philosophia que o galvanismo imita o ouro, e que ainda lhe mentem os sentidos; e vemos as côres do arco iris, e juramos-lhe a variedade, e sabe a philosophia que nada mais é de que agua e nuvem, e a refração dos raios solares, e que por consequencia os sentidos mentem de novo. Não será justo, que pela tibieza das forças intelligentes, creia a philosophia, não o que vêem seus olhos, que ella sabe que a enganam, mas o que lhe brada a fé, o que creram tantos sabios, e tantas nações, e tantos seculos. E pela razão creia o philosopho, como no Iris cre a negação das côres que ali se mostram; como na estatua o metal que não pode ver; como no sol que gyra o sol quasi parado; creia tambem na hostia santa o Deus que não é digno de ver.»

Na historia sagrada e profana revela o sr. Soares Franco um estudo apurado; e colhendo da sua lição os grandes factos e os grandes exemplos, apresenta-os singelamente como espelho do presente, para ahí vermos os enganos da falsa philosophia, a ridicula vaidade do orgulho, o desassisado da cogitação humana que despreza no presente os preciosos exemplos do passado, e, finalmente, uma serie consecutiva de successos comprovando todos a omnipotente maravilha de Deus, que por uma impenetravel conexão entre acontecimentos tão multiplices e variados, nos comprova a cada momento o nada das nossas grandezas, a pequenez dos nossos conhecimentos, a abjecta fatuidade da nossa philosophia, e que portanto sem o auxilio da graça e da fé, somos de certo a porção mais lamentavel da criação do globo.

Porém estes exemplos e estas lições historicas tem aqui no livro um sabor mais escolhido, porque fugindo ás pretensões de um tratado especial, vem como perolas magnificas engastar-se no precioso lavor do discurso para lhe dar realce, semeadas ora aqui, ora ali com tal propriedade e artificio, que sem ofuscar o primor da materia onde se cravejaram, nem por ella tambem se desmerecerem, brilham com o esplendor que lhes é proprio. E d'esta arte tem grande merecimento as citações deduzidas tão naturalmente, que nem sobrecarregam o animo pela sua desmesurada prodigalidade, nem pesam no espirito pela sua prolixa narração, e maravilham pela rapidez dos traços com que se descrevem, impressionando, á similitude do relampago, que rompe e fulge e se extingue, só os breves instantes necessarios a imaginar a sua magestade.

Juntae a tudo isto o primor da concisão, a variedade das bellezas descriptivas, as maximas saltares de uma philosophia verdadeiramente christã, os rasgos oratorios de uma rhetorica apropriada, um estylo facil e ao mesmo tempo ornado, uma côr temperada na epoca em que vivemos, umas gradações esbatidas na actual constituição das sociedades, uma unção realmente evangelica, e o sabor de uma profunda convicção n'estes hymnos que espontaneamente rebentam da alma do seu autor, e calculareis assim o valor d'estas paginas que antes de impressas foram traduzidas no pulpito pela voz do moço orador.

Não sabe a arte fingir o que a natureza não cria; nem sabe a lingua mentir, sem atraiçoar a voz intima da consciencia. O sr. Soares Franco não podia traçar tão formosas paginas, embellecer tão harmonicamente o seu discurso, entretecer-lhe tão primorosas grinaldas de esperanza e de fé, se o fogo dos seus pensamentos—como tão poeticamente elle disse—« não roçasse com a luz da intelligencia a orla do manto do Senhor!»

Este livro mimoso, que recreia o espirito pela amenidade da sua dicção, e consola a alma na descrença do seculo, é digno de recommendar-se, e de ser lido. E não o descure o menos illustrado nem o menos crente pelo seu titulo de SERMÕES. Os livros sacros, que os nossos bons escriptores nos tem legado, são um thesouro litterario para o homem estudioso.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SEculo XIX.

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

II

Continuação.

Demittido o gabinete Mousinho-Palmella, nomeado pelos acontecimentos da revolução do Minho, logo no Porto, em Coimbra, e no Algarve se declarou a resistencia aos actos do governo de 6 de outubro.

O duque da Terceira foi enviado á segunda cidade do

reino, revestido de amplos poderes, para conseguir que os successos marchassem ao norte do paiz de accordo com as deliberações adoptadas em Lisboa, que destruíam inteiramente os principios proclamados na referida revolução de maio; porém o duque ficou preso no Porto, onde se instalou uma junta de governo, e tudo se preparou para fazer vingar a resistencia por meio de armas.

O conde das Antas collocou-se á testa da força militar e do governo, e marchou pela estrada de Coimbra com algumas brigadas da tropa que mandara recolher ao Porto, e que adherira á revolução.

Ao norte do reino, só a divisão de Traz-os-Montes, commandada pelo barão do Casal, não annuiu á voz pela junta; e em Lisboa organisou-se, pela actividade do marechal Saldanha, principal personagem na contra-revolução do 6 de outubro, uma força sufficiente para se oppôr áquella que vinha do norte sobre a capital, e nos principios de novembro tres mil e tantos homens, commandados por Saldanha, saíram de Lisboa para se opporem ao conde das Antas.

Este, encontrando Santarem abandonada, ahí se acolheu na defensiva, esperando se lhe reunissem as tropas do Algarve que se haviam insurreccionado ás ordens do general Celestino.

O marechal Saldanha estabeleceu o seu quartel general no Cartaxo, e collocou a sua divisão nas immedições de Santarem, aguardando a occasião de bater o inimigo fora d'aquella ponto fortificado.

Effectivamente chegaram ao conde das Antas os esperados reforços do Alemtejo; e Saldanha destacou ás ordens de Lapa, hoje visconde d'Ourem, uma columna sobre Leiria, ameaçando cortar-lhe a communicação com o Porto, e obrigou assim as forças da junta a sairem d'aquella inação.

A força popular que se achava em Leiria retirou para o castello de Ourem, e ahí se defendeu commandada pelo conde de Villa Real, D. Fernando.

Para o socorrer expediu o conde das Antas uma divisão ás ordens do conde do Bomfim, e Mousinho d'Albuquerque.

A divisão do governo de Lisboa recolheu de novo ás antigas posições, e Bomfim chegando a Alcobaca tomou conselho sobre o que se devia fazer, e ahí decidiu-se um golpe de mão sobre Lisboa, tomando o flanco esquerdo a Saldanha, que, occupado com a divisão de Antas, não poderia socorrer a tempo a capital.

Antas, a quem se communicou o plano, approvou-o, e prometeu, no caso de Saldanha levantar campo em vista d'aquella movimento, sair de Santarem com a sua gente, calculando por tal forma as distancias que nunca a sua divisão se afastasse a mais de duas leguas da de Bomfim.

Seguiu-se d'estas operações a batalha de Torres Vedras que succedeu no dia 22 de dezembro, e na qual, entre outras illustres victimas, falleceu Luiz Mousinho. A divisão de Bomfim ficou toda prisioneira, e o conde das Antas, conservando-se em espectativa em Tagarro, a poucas leguas de Torres Vedras, retirou-se depois d'este desastre para o Porto, afim de lhe não succeder igual revez.

Acolhido a esta cidade, entregou-se o conde das Antas á reorganização do exercito, e o visconde de Sá foi o encarregado das obras de defesa.

O visconde havia precedentemente sido infeliz n'uma commissão á provincia de Traz-os-Montes. Pronunciado o conde de Casal pela causa da rainha, aproximara-se do Porto com a sua divisão, no intento de auxiliar uma reacção no interior da cidade. A junta organisou uma columna, cujo commando entregou a Sá da Bandeira, que conseguiu então afugentar Casal das immedições do Porto, levando-o até á praça de Chaves em marchas forçadas, e ficando alguns dias em frente da praça esperando pelos movimentos do inimigo, que se não moveu.

Impossibilitado o visconde de atacar a praça, e não podendo conservar-se n'aquellas posições de Faiões, S. Lourenço, e Santo Estevão, por serem completamente desprovidas do necessario, resolveu mudar o quartel general para Mirandella, occupando militarmente a provincia.

Levado este movimento á execução, Casal veio encontrar-se com Sá da Bandeira em Val-Passos, no dia 16 de novembro.

O visconde preparou-se para o receber dispondo convenientemente as suas forças; porém os regimentos 3 e 15, que faziam parte da sua divisão, o abandonaram passando-se para o inimigo, e voltaram immediatamente armas contra os seus camaradas.

Assim mesmo, reduzido só á guarda municipal do Porto, e aos voluntarios, o visconde de Sá sustentou o fogo e as posições, demorando-se n'ellas até á meia noite, hora em que principiou a retirada pela estrada de Murça, Favaio e Pinhão, fazendo embarcar depois os restos da divisão.

No dia 19 entrou na Regoa tiroteando com algumas guerrilhas realistas que lhe haviam apprehendido e desarmado os voluntarios e municipaes, que em dois barcos se tinham adiantado mais na frente da divisão.

No dia 20 seguiu rio abaixo, tornando a ser incommodado pelos guerrilhas, que n'essa occasião eram commandados pelo proprio Mac-Donald, e que na margem esquerda do Douro, junto a Paiva, lhe fizeram rijo fogo.

Foi depois de todos estes contratempos que o viscon-

de de Sá pôde operar a sua retirada para o Porto, mallogrado realmente o objecto d'aquella expedição, na qual se conceberam tão lisonjeiras esperanças, porém honrosa para o visconde, que depois da defeção d'aquelles dois corpos, operou com tanta habilidade e pericia, que quando se julgava não podesse resistir á sorte, e fosse opprimido pelas forças de Casal, entrou os muros do Porto salvando os restos da sua gente.

Recolhido tambem o conde das Antas áquella cidade, como acima dissemos, seguiram-se varias operações em que o mesmo conde tomou activa parte, como foram os intentos de involver novamente Casal, e occupar Braga pela brigada ás ordens do general Almargem; o que deixaremos agora de parte, por não vir para o caso na presente biographia.

Tambem as operações das forças populares no Alemtejo não tinham sido felizes. Evora fóra atacada por Schwalbak e Moscoso, e como da cidade conseguissem repellil-os, assentou-se enviar uma força sobre Estremoz, ás ordens do conde de Mello. Este tambem falhou nos intentos do assalto sobre Estremoz, e teve de recolher-se a Porto-Alegre, na impossibilidade em que se viu de ganhar novamente Evora, sem encontrar as forças da rainha que vinham a marchas forçadas em soccorro de Estremoz.

Quando estas noticias chegaram ao Porto, assentou-se ahí reforçar o conde de Mello com uma brigada ás ordens de Sá da Bandeira, que effectivamente saiu do Douro no dia 28 de março.

O visconde foi revestido pela junta dos mais amplos e plenos poderes para operar segundo as circumstancias. A força que o acompanhava era de mil e cem homens, composta dos fusileiros da liberdade, e dois batalhões de voluntarios.

No dia 29 aportaram em Lagos os dois vapores Porto e Mindello que conduziam a expedição.

Parece que os primeiros planos de Sá da Bandeira foram desembarcar em Setubal, ou lançar uma porção de gente em Peniche; mas porque o mar lhe não offereceu ensejo, ou porque a costa não permittiu tocar em terra, ou porque finalmente mudasse de plano, a expedição foi aportar no Algarve.

Apenas o visconde desembarcou tratou immediatamente de fazer reunir em Setubal todas as forças que operavam no sul, e ahí chegou tambem ao cabo de uma longa marcha de vinte e tantas leguas, encontrando já na villa o conde de Mello, e entre á sua divisão e a capital, uma força de mais de dois mil homens, commandada pelo conde de Vinhaes, que o impediu, conjuntamente com os esforços que a diplomacia então fazia, de operar sobre Lisboa.

Esta força, que estacionou em frente de Setubal, reduzia Sá da Bandeira a conservar-se na defensiva, e assim decorreu o mez de abril sem operação alguma militar.

Ora, a diplomacia tambem havia concorrido para esta immobilitade. Era por este tempo, que se acabavam de combinar os ajustes de interferencia estrangeira, e o visconde recebeu um officio do encarregado inglez, dizendo-lhe que o seu governo e o hespanhol se tinham concertado nos termos d'uma honrosa e razoavel transacção entre os dois partidos, a qual seria proposta ao governo de sua magestade fidelissima e junta do Porto, para amigavelmente se acabar a guerra civil de Portugal, e que em consequencia esperava que o visconde suspendesse todas as operações militares até receber um officio do encarregado da legação britanica em Lisboa, que devia seguir de perto aquelle seu aviso.

As instruções particulares dadas ao coronel Fitch, que fóra o portador d'aquelle officio, ordenavam-lhe empregar em primeiro logar os meios suasorios; mas em ultimo caso recorrer ás ameaças, se a reluctancia do visconde o obrigasse a isso.

Era n'este estado que as coisas se achavam quando Vinhaes fez levantar um reducto em frente de Setubal, ameaçando assim bater o castello e a villa.

O visconde de Sá intendeu por este facto roto o armisticio; e resolvendo destruir a obra de Vinhaes, saiu da villa no 1.º de maio, com a sua gente dividida em duas columnas, e surpreendeu o inimigo, fazendo demolir as obras.

Seguiu-se um renhido combate, no qual de ambos os lados morreram ou ficaram feridos seiscentos homens; e Sá da Bandeira recolheu novamente á villa, acossado pelas tropas da rainha, que voltadas a si da primeira surpresa, carregaram valentemente as forças atacantes, retomando as perdidas posições.

Foi quasi no fim da acção que o coronel Wilde, e o Marquez de Hespanha, agentes diplomaticos n'esta penencia, se apresentaram ao visconde, pedindo-lhe suspendesse as hostilidades, ao que elle annuiu.

Desde então começaram as negociações diplomaticas, conservando-se na espectativa as forças belligerantes, até ao dia 17 de maio, em que o visconde rompeu novamente as hostilidades, com previa intimação, segundo o uso, e estylo da guerra.

O corpo diplomatico tratou immediatamente de enviar uma nota collectiva ao visconde, convidando-o a desistir do intento, invocando os seus sentimentos de humanidade.

Para se fazer uma idéa do interesse que Sá da Bandeira dedicava á causa que havia esposado, e o valor com que a defendia tanto com as armas como com a penna,

offereceremos aqui alguns dos seus officios, trocados n'esta conjuntura.

Será o primeiro o de 19 de maio de 1847, em que respondeu á communicação que acabamos de noticiar.

«Senhores ministros.

«O abaixo assignado tem a honra de accusar a recepção da carta que lhe dirigiram ss. ex.^{as} os ministros plenipotenciarios de Hespanha, de França e da Grã-Bretanha. Elle deseja quanto é possível evitar a effusão de sangue portuguez, mas não pode desconhecer os deveres que lhe impõe o commando que lhe foi confiado, nem tomar resoluções que possam ser nocivas á causa que defende.

«O abaixo assignado aproveita com prazer esta occasião de certificar a ss. ex.^{as} do seu profundo respeito pela pessoa de sua magestade a rainha, e por toda a familia real, cujas augustas pessoas, assim como as suas prerogativas constitucionaes, não poderiam correr perigo algum, no caso em que as tropas do seu commando entrassem em Lisboa, pois que nenhum portuguez deixa de tributar a sua magestade o respeito que lhe é devido.

«O abaixo assignado tem a honra de participar a ss. ex.^{as} que elle não podia aceitar o armistício que lhe fóra proposto por ss. ex.^{as} sem que fosse confirmado pela junta provisoria do governo do reino; mas que em attenção a ss. ex.^{as}, e pela alta consideração que tem pelas côrtes que representam, elle estava prompto a concordar n'uma suspensão d'hostilidades durante quatro dias; de baixo das condições que o commandante das forças que lhe estão oppostas não accitou pelos motivos que elle expõe na sua resposta, de que ss. ex.^{as} já terão conhecimento. Cumpre todavia ao abaixo assignado accrescentar, que tendo hoje recebido communicações officiaes do senhor marechal commandante do exercito nacional, elle não poderá acceder a um novo armistício, que não seja commum a todas as forças belligerantes.

«O abaixo assignado tem a honra de ser, etc.»

Já dois dias antes o visconde havia officiado ao ministro inglez, pedindo esclarecimentos sobre os casos em que as forças britannicas se opporiam aos seus movimentos, como lhe fóra ameaçado pelo coronel Wilde no 1.º de maio; porém só no dia 20 foi que recebeu resposta, negando-se o ministro ao seu pedido, e recusando-se a quaesquer declarações em virtude de lhe ser prohibido pelas suas instrucções.

Continuaram as instancias para o visconde acceder ao proposto armistício, porém todos os empenhos foram baldados, até que finalmente no dia 22 se lhe enviou uma intimação formal para suspender as hostilidades, participando-se-lhe que igual procedimento houvera com a junta do Porto.

A esta nota collectiva respondeu o visconde em 24:

«Accuso a recepção etc. . . Em resposta, cumpre-me participar a v. ex.^a que levarei ao conhecimento da junta do governo supremo do reino o conteúdo d'este despacho, que encerra a ameaça d'uma interferencia immediata e armada, em favor d'aquelles que destruíram a constituição do estado, estabelecendo o regimen do absolutismo e do terror; e contra os que sustentam as leis e o throno constitucional da senhora D. Maria II!

«Tenho a honra etc.»

O ministro de França escreveu a este respeito particularmente ao visconde. Veja-se no seguinte documento, que foi a sua resposta, o caracter de Sá da Bandeira.

«Setubal, 25 de maio de 1847.

«Meu caro barão.

«Recebi a vossa carta datada de 22 do corrente, e fiquei admirado de não receber uma carta official vossa, como recebi dos vossos collegas d'Inglaterra e de Hespanha, visto que o nome da França figura nas transacções que produziram os officios d'aquelles senhores. Comtudo a vossa carta tem para mim a vantagem, de me permitir fallar-vos livremente e com franqueza, sem receio de provocar por alguma expressão de soldado-velho, a susceptibilidade diplomatica.

«Vós dizeis que me esperaes ver outra vez sem que seja no valle de Josaphat; eu tambem o espero; mas creio que as probabilidades seriam maiores em favor d'esta opinião, se novos Brennos não viessem lançar as suas espadas n'um dos pratos da balança... Pelo que toca ao armistício de direito, devo dizer-vos, que a maneira como se interpretou logo desde o primeiro dia, o que ultimamente conclui, me tira todo o desejo de fazer outro. Mas fallemos agora de coisas mais serias.

«Vós conheceis os meus sentimentos a respeito da pessoa de sua magestade a rainha; e porventura sabereis tambem que na minha opinião, o throno de sua magestade não pode existir separado das instituições liberaes. Foram ellas que nos reuniram debaixo da bandeira de D. Pedro, e tanto assim o reconhecia este grande principe, que muitas vezes disse, que os direitos de sua filha não eram sustentados pelos liberaes senão por causa da carta constitucional. É tempo que a rainha ponha termo á guerra civil. Ella pode fazel-o sem precisar outro recurso senão o da sua propria vontade, porque nós queremos o seu throno, e a sua real prerogativa como é estabelecida na carta; mas não podemos consentir na continuação das fraudes eleitoraes e na supressão de todas

as garantias civis e politicas, que quasi todos os ministros, que se tem succedido desde 1842 até hoje, tem praticado.

«Se se chamarem tropas estrangeiras a Portugal, para que auxiliem a conquista do paiz em proveito do poder despotico dos ministros da rainha, ficará exposta sua magestade e a sua dynastia, n'um futuro, mais ou menos remoto, a experimentar a sorte do ramo primogenito dos Bourbons, que entrou em França com os exercitos estrangeiros, coisa que os francezes nunca lhe perdoaram. Nem deve esquecer que a Hespanha pode mais tarde ou mais cedo alterar o systema politico que a reger presentemente. Lembro tambem que em 1829 reinou D. Miguel em Portugal, o ministerio inglez o protegia a tal ponto, que fazia bater por uma fragata o navio que de Inglaterra conduzia o general Saldanha com outros emigrados portuguezes á ilha Terceira, a unica que reconhecia o governo da rainha, e que alguns annos depois, outro ministerio inglez favorecia a empresa que fez cair o throno de D. Miguel. Ninguem pode duvidar que a insurreição contra o systema seguido pela côrte, foi quasi unanime, tanto no continente como nas ilhas; aonde as tropas de Lisboa não estendem a sua acção, o povo levanta-se; o que convem á corôa é reconciliar-se com a nação, porque se continuarem a empregar meios de compressão é muito provavel que um dia a explosão seja terrivel. Adeus, meu caro barão. Rogo-vos etc.»

Continua-

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

J. S. MENDES LEAL.

Conclusão.

Todos quantos têm tratado de perto o actual chefe da litteratura moderna conhecem o seu character franco e sincero, não escondendo nunca o seu modo de pensar e só dizendo o que verdadeiramente sente.

À lisonja substitue o silencio, a verdade não a enfeita, exprime-a nua como a pintaram os antigos. No livro cultiva a phrase, no trato intimo só lh'a joeira a consciencia.

Alexandre Herculano, o modelo e exemplo dos melhores, é um d'estes homens de tempera rija e altos sentimentos que não sabe nem quer dobrar-se ás conveniencias, quando estas destoam dos principios que professa, e que, erguendo altiva e desassomburada a fronte, falla sempre com o enthusiasmo e o vigor do convencimento.

Deslocado talvez em epoca como a nossa, indignam-o tantas hypocrisias e torpezas, e d'ahi procede a rudeza com que muita vez fustiga sem dó os adeptos e o credo d'essa seita nefasta. A irritação generosa exacerba-lhe a palavra e sobe-lhe candente do coração á mente vastissima. É bello vel-o assim: esmaga com o sarcasmo, fulmina a condemnación na censura eloquente.

Apostolo da honra, abraçou-a como religião e cumpre-a como dever: n'elle, arreigada a crença, tudo lhe sacrifica. O talento não lhe vence o coração: este é grande como aquelle. Tão alto se lhe levanta o genio como a alma.

Este mesmo homem, severo e implacavel na apreciação d'este mundo exterior em que se debatem tantos interesses mesquinhos e se commettem tantas villanias atrozes, tem-o visto sereno, affavel, jovial até, quando, n'aquelle seu retiro da Ajuda, reúne em roda de si a pleyada de verdadeiros talentos e verdadeiras vocações, que ali vão ouvir a voz do mestre, e receber os conselhos, que elle nunca nega, animando e fortalecendo os mais tibios com o seu seguro juizo.

Os sabbados da Ajuda se a mocidade litteraria os aprecia, não menos valor tem para Alexandre Herculano. Em quanto instruem aquelles, distrahem este, que, empenhado do coração nos progressos da nossa litteratura, mesmo no dia escolhido para descansar das fadigas do gabinete, trabalha ainda em proveito indirecto das lettras patrias, tornando-se o centro de palestras que vão fecundar muito boa semente.

Apraz-lhe ouvir discursar livremente a nova geração, e, em vez de lhe reprimir os impetos, excita-a a erguer o vôo, porque vê, n'essa exaltação de idéas, na solta expressão do pensamento, o signal de grandes commettimentos.

Alexandre Herculano, n'esse dia da semana volta aos vinte annos, idade que ainda conserva no espirito. Que inspiração ha ahí mais nova que a d'elle? Ali pode envelhecer o corpo, o talento remoeça sempre.

O historiador entristece quando, ao sabbado, sentando-se á mesa do jantar, não vê dez manceibos em torno d'elle.

Divagamos do assumpto; mas, desde o principio d'esta viagem, prevenimos o leitor de que assim lh'aviam de acontecer.

Esta digressão era uma necessidade para nós, e ainda quando não fosse para pagar um tributo de respeito e admiração a quem tanto o merece, haviamos de vencer todas as distancias para repetir a voz do sentimento universal.

Pelo que deixamos narrado, é facil mostrar ao leitor como Alexandre Herculano conhece as vocações e pode julgar dos talentos, que para melhor avaliar attrahe e chega a si.

Mendes Leal, entregue a continuos trabalhos, sae pouco. O historiador e o poeta, historiador tambem, raramente se avistam; mas os dois professam uma reciproca estima que o character de ambos abona e justifica. Ambos se apreciam e sabem o que valem, e a ambos temos ouvido fazer mutua justiça.

No dia em que a Academia Real das Sciencias perdeu Almeida Garrett, intenderam logo alguns — os melhores espiritos — dever propor para o substituir Mendes Leal. Alexandre Herculano rubricou a proposta com o seu grande nome.

Como se levantassem questões de formalidades que fez elle? Que palavras empregou, que razões deu na discussão? Ides ver, e julgareis o homem, ou para melhor dizer os dois homens pelo rasgo de Herculano. Era ao mesmo tempo o maior elogio do merito do proposto, e da integra superioridade do proponente.

Alexandre Herculano entrou na sessão; e, atirando o volume dos *Homens de Marmore* acima da mesa reduziu o seu discurso a estas palavras. — Proponho para socio effectivo da Academia das Sciencias a Mendes Leal. Para autorisar a sua entrada basta esse livro: vejam se ha por cá muito quem faça d'isso. —

Nunca se disse mais em tão pouco: Mendes Leal alcançou n'estas palavras um triumpho litterario igual ao de Garrett, moribundo, pedindo que lhe repetissem os cantos do que devia herdar a sua cadeira academica.

Que poderiamos nós dizer depois de fallar Alexandre Herculano, e que mais autorizada voz pode confirmar a nossa apreciação?

Agosto 26, 1856.

ERNESTO BIESTER.

VALLE DE BAIDAR.

Damos n'este numero em tres estampas esboços dos costumes e habitações dos tartaros que habitam a parte meridional da Crimea, theatro ha pouco de tão notavel campanha. É esta a parte d'aquella vasta peninsula mais agradável pela temperatura, pela producção dos fructos da Europa e da Asia, e pela vista de paizagens deliciosas, entre ellas o valle de Baidar, onde está a aldeia de Skelia com sua rustica mesquita; tem dez milhas de comprimento por seis de largura, circundado todo de emphyadas montanhas: é de tal modo cultivado que a vista se perde em prados, arvoredos, e fertes terras de trigo, cerradas e divididas por sebes de arbustos e plantações de hortas.

No sul da Crimea as moradas dos tartaros são resguardadas dos ventos pelos montes, ás faldas dos quaes se encostam; limpidos regatos, que dos mesmos descem, excepto em Baidar, vão derramar nos campos a fresquidão e abundancia, e por isso os vegetaes se apresentam com extraordinaria louçania. O solo é coberto de carvalhos, pereiras, macieiras, gingeiras, e a ramagem entrelaçada de todas estas arvores offerece ao viandante sombra protectora contra o ardor do sol, que dardeja com violencia seus raios na baixa dos valles. A brandura do clima parece que influe no character dos habitantes, que se mostram constantemente benevolos e agasalhadores para os estrangeiros que visitam suas posições. Quando chega um forasteiro é conduzido ao aposento destinado aos homens; ministra-se-lhe agua n'uma bacia e toalha para lavar as mãos, em seguida os donos da casa lhe põem diante os manjares de seu uso mais promptos, por exemplo, leite, nata, favos de mel, ovos, aves assadas, e fructas; no fim da comida vem outra vez a bacia com agua como d'antes, e nunca em circumstancia alguma estes homens, que o orgulho ainda chama barbaros, consentem em aceitar remuneração por sua cordeal hospitalidade.

Os tartaros, que hoje habitam a Crimea, derivam sua origem do norte da Siberia e de varios pontos da Asia, d'onde se propagaram para outras regiões, sobretudo em tempo das conquistas de Gengiskan; os homens, como todos os da sua raça, são em geral de avantajada estatura, bem proporcionados, de pelle alva e physionomia agradável; as mulheres, pelo contrario, são quasi todas baixas, o que talvez procede da vida claustral que passam e do pouco exercicio que tem; comtudo, são agradaveis como os homens, e a riqueza de seu traje não concorre pouco para realçar-lhes as graças pessoas; de ordinario não apparecem aos estrangeiros, nem mesmo á qualquer do sexo masculino que não seja da sua familia.

A população disseminada pelo territorio da Crimea, postoque designada pelo nome geral de tartaros, deve comtudo dividir-se em tres cathogorias distinctas; os nogaiz, os tartaros das planicies, e os das montanhas; os primeiros são pouco numerosos, não passando de dez a doze mil pastores vagabundos com seus rebanhos pelas steppes que se estendem desde o Berda até o Molochna; sustentam-se ainda, segundo o antigo uso dos mogoes, de carne de cavallo e leite d'agua, e acampam em barracas de feltro ou panno grosso empastado, choupanas portateis, circulares e de oito pés de diametro. Na aggregação da Crimea á Russia os nogaiz começaram a desviar-se um tanto da agreste rudeza de seus ascendentes; alguns já edificam habitações fixas e tratam de cultivar

o terreno; os seus vestidos são geralmente tão simples como as vivendas, consistem de ordinario em burel e pelles de carneiro.

Estas tribus differem muito das outras, tendo o rosto chato e de côr morena azeitonada, os olhos pequenos e encovados, o nariz recurvado para dentro, e pouca barba. Seguem a lei de Mafoma, porém, muito ignorantes em materia de religião, misturam com os dogmas musulmanos as superstições idolatras que conservaram do culto dos mogoes, de que descendem mais immediatamente do que os outros, como provam as suas feições.

Os tartaros da planície occupam as steppes ou charnecas desde o sopé das montanhas até o istmo de Perekop; semelhantes aos nogaiz no semblante, tem um modo de viver muito differente, lavram a terra e criam gados, moram em casinhas construídas á turca com tectos chatos e seus eirados ou sotéas; quando lhes falta pedra servem-se de adobes para estes edificios.

A medida que novos conquistadores invadiam a Crimeia em remotas eras, os originarios habitantes desposados refugiavam-se na parte montuosa e portanto mais inacessível do paiz; da mistura das differentes raças estrangeiras com os aborigenes é que saíram os tartaros das montanhas, que não tem parecença com os nogaiz, nem com os da planície, são altos, claros, de barba cerrada, em summa, os primeiros que já descrevemos.

M.

BIBLIOGRAPHIA.

O livro, de que em seguida damos noticia, acha-se no prelo, e consta-nos que estará prompto em janeiro do futuro anno.

Não precisamos recommendal-o. É a historia do paiz, n'uma das epochas mais fertis em acontecimentos.

Portanto, julgamos poder augurar ao autor bom resultado.

CHRONICA DA RAINHA D. MARIA II.

O ultimo reinado, hoje do dominio da Historia, se não tem ainda um chronista, aguarda comtudo quem se abalance á empresa de o escrever; empresa realmente ardua e difficil, mas possivel.

Quem se arrisca a similhante commettimento, necessariamente tem sobeja dedicação para afastar todas as considerações politicas.

A missão do historiador não é, nem pode ser, amoldar os factos ás paixões individuaes. Se o fóra, não se escrevia Historia: fazia-se uma Memoria, sujeita ao debate das Academias.

O empenho do chronista deve ser narrar os acontecimentos taes quaes foram, prescindindo dos homens, e das suas conveniencias.

Os seculos futuros que façam as considerações que lhes approuver. Terão paixão, ardor, e enthusiasmo como hoje. A differença estará em serem mascarados com a venerabilidade dos tempos. Serão-obrigados, portanto, a vergar aos caprichos politicos. Que o digam as historias philosophicas escriptas hoje.

Confessamos não estar tambem isemptos d'este peccado, na apreciação dos seculos que nos precederam. Comtudo, no trabalho que vamos emprender, diligenciaremos não ser eivados do mal que censuramos.

Aprecie quem vier depois de nós.

O reinado que findou, foi uma epocha fertil em acontecimentos. O Omnipotente assenta d'estes marcos millarios na vida das nações, parz sua lição.

Povos e rejs ahí descansam, aprendendo do passado para a emenda no futuro.

CHRONICA SEMANAL.

Por onde havemos de começar?—A que divertimento daremos a preferencia?—Qual d'elles se tornou mais digno de menção?—Todas estas perguntas succedem-se na nossa imaginação no momento em que vamos encetar a chronica. Mas é que realmente a semana foi extremamente animada; nunca os chronistas estiveram tão ricos. Valha ao menos isto como compensação da pobreza franciscana em que viveram por muito tempo. Hoje pergunta-se: por onde havemos de principiar?—e nos tres mezes decorridos exclamava-se: o que havemos de dizer? Dos embarços da abundancia é facil sair, dos apuros da escassez é mais difficil. Para o provar, e sem mais divagações, entraremos já n'uma apreciação rapida do drama *Miramar*, de Mendes Leal. É uma obra nacional, cabe-lhe portanto o primeiro lugar. Assim o entendeu tambem sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, preferindo e honrando a representação com a sua presença.

No mesmo dia em que se representava o drama *Miramar*, fazia um anno que a *Herança do Chanceller*, essa perola da litteratura moderna, tinha apparecido em scena.

Entre uma e outra producção existe grande distancia,—distancia que se explica a nossos olhos claramente. Escrevendo a *Herança do Chanceller*, Mendes Leal esmerou-se quasi exclusivamente para satisfazer á parte

litteraria, sem attender á platéa; na composição do *Miramar* deu-se exactamente o contrario. Agradar ao publico em geral foi a sua intenção. Já tinha sustentado no theatro, digna e brilhantemente a sua reputação de homem de letras, restava-lhe confirmar novamente a de autor dramatico. E conseguiu-o; os applausos do publico justificaram a resolução do poeta.

Sejamos francos.

Quem pretender seguir e cultivar esta carreira não pode deixar de sujeitar-se d'alguma forma ás exigencias da platéa, arriscando-se quando assim o não faça a ver desertar o publico á segunda recita, e a bocejar-lhe á primeira. Ora como não ha vocação que resista a uma frieza e abandono total, o resultado é que hade necessariamente condescender em parte ou desistir. Isto não é dizer que lhe aceite a lei, em prejuizo da arte, mas tambem não pretenda impor-lh'a porque perderá o tempo. A experiencia assim o tem mostrado.

Mendes Leal não presenciou o silencio sepulchral em que foi ouvida a *Herança do Chanceller*,—silencio apenas interrompido por algum signal de impaciencia! E havia de tentar trabalho identico,—trabalho insano que lhe custou muita vigilia, muito cuidado, muito esmero, e muita consciencia para não ser comprehendido no lugar para que era destinado. Ficou-lhe o livro, é verdade, e o livro todos sabem—os que entendem, o que elle vale, mas as aspirações do poeta dramatico, podem porventura resumir-se ao livro? Cremos que não, e n'esta creença está igualmente Mendes Leal.

Todos os abusos são, a nosso ver, condemnaveis. Parece-nos pois que, assim como a exageração, as inverosimilhanças tanto no enredo como no dialogo merecem censura n'uma obra dramatica; a ausencia completa do primeiro e a vulgaridade do segundo estão no mesmo caso. A escola chamada *novissima* ia simplificando de tal forma a acção, que dentro em pouco a comedia ficaria reduzida a uma conversação mais ou menos animada, mais ou menos espirituosa. Fechar os actos era d'antes uma difficuldade para o dramaturgo e tinha lá de si para si que estes estavam no caso dos sonetos, deviam ser fechadas com chave de ouro; a tal *novissima* escola entendeu que o sublime da arte estava em fechar-os com uma trivialidade, como por exemplo:—vamos ceiar—vamos jantar—vamos passear etc.—até que um dia o publico enfadado gritou-lhe: vão dormir.

Se assim fosse, se bastasse dialogar com espirito, e alinhavar meia duzia de scenas, indifferentemente todo o escriptor poderia ser autor dramatico.

Para mostrarmos o erro em que estão todos os que assim pensam, citaremos um trecho de Gustave Planché, penna justamente autorizada, e que não só combate esta idéa, mas vae ainda mais longe, reputando necessario maior desinvolvimento e intriga nos quadros do theatro moderno.

«Accrescentamos, por ser verdadeiro, que a comedia assim como a tragedia, deve attender á epocha em que se produz e ao auditorio a que se dirige. Pela minha parte, não hesito em collocar o *Misanthropo* acima da *Athalia*. Se existem com effeito, na tragedia escripta por Saint-Cyr, passagens de incomparavel belleza, é facto, portanto, que esta obra não contém mais do que uma imagem infiel dos factos narrados no Livro dos Reis. O *Misanthropo*, conserva ainda hoje, toda a frescura e todo o vigor dos primeiros annos. É uma pintura da fraqueza humana traçada por mão habil e segura, e que de certo nunca envelhecerá. Comtudo estou convencido que, se Molière hoje resuscitasse, havia de sentir a necessidade de dobrar o seu genio ás exigencias do nosso tempo; encetando a analyse dos caracteres, comprehendendo-se a precisão de dar aos incidentes mais verosimilhança, e á acção mais movimento. Votado por natureza ao estudo das paixões e dos vicios, nunca esqueceria a missão capital do poeta comico; mas convencer-se-hia que o dialogo mais engenhoso, as tiradas mais eloquentes, as mais delicadas evasivas não bastariam para sustentar o interesse d'uma comedia.»

Combinando inteiramente com o illustre critico francez, não nos alargaremos mais em considerações e terminaremos este assumpto, esboçando simplesmente as figuras e situações mais importantes do drama.

Miramar é o vulto principal da obra, dominando-a do principio ao fim, e realçando-a por vezes com actos de heroismo, de abnegação e de nobreza. É um typo original e perfeitamente sustentado. O aventureiro *Ricotti*, inseparavel companheiro de *Miramar*, está tambem traçado habilmente. A veia comica do autor revela-se a miudo n'este personagem, e com felicidade.

Branca é um typo excepcional da mulher engrandecido pela imaginação do poeta. Homem no valor, mulher pelo coração, a paixão n'ella egual a heroismo. É um reflexo brilhante das antigas amazonas.

Todos os personagens historicos, como el-rei D. João iv, D. Francisco de Lucena, D. Antão de Almada e João Pinto Ribeiro, estão fielmente esboçados. N'aquelles traços geraes reconhecem-se logo os personagens.

Das situações, que são abundantes e patheticas por vezes, distinguem-se principalmente duas—a da confissão, que exhala um elevado perfume poetico e verdadeiro sentimento; e a scena entre a esposa de *Miramar* e el-rei D. João iv. Os bravos e palmas do publico mostraram-se espontaneos.

Entremos agora em S. Carlos.

Lá estavam todas as nossas elegantes nos mesmos camarotes, com raras alterações. Na sala não havia novidade: parecia a prolongação não só da estação passada mas de muitas estações. Ouvimos outro dia a um amigo nosso, homem de bastante espirito, que a abertura do theatro lyrico nos proporcionava a occasião de vermos todos os nossos conhecimentos. É o *rendez-vous* geral da sociedade.

Diremos algumas palavras acerca do *Assedio de Leyde*, do maestro Petrella, com que teve logar a estréia de parte da companhia lyrica.

A opera é uma composição mediocre e inferior ao *Marco Visconti*, do mesmo maestro. O publico recebeu-a com frieza e logo na segunda noite protestou com a ausencia.

Quanto aos artistas que debutaram no *Assedio de Leyde*, são todos elles de terceira ordem. O baritono *Monari*, dispõe de poucos recursos voçaes, mas sabe cantar. O tenor *Vicentelli* tem uma voz pouco extensa.

Mademoiselle Bernardi vê-se que é nova na arte a que se dedicou, mas a frescura da sua voz e o timbre agradável que se lhe nota, faz esperar que para o futuro venha a conquistar um logar mais elevado na scena lyrica.

Se a cantora porém deixa ainda a desejar, outro tanto não podemos dizer da mulher. É uma d'estas bellezas excepcionaes, com a *Madona de Rafael*, da qual é uma copia fiel e podia ter sido o original, se vivesse então. Quando estivermos mais a sangue frio esboçaremos o retrato prometido.

A illuminação do Passeio Publico esteve brilhante e offuscou todas as outras que ali se tem apresentado. A fachada da cascata estava coberta de luzes, elevando-se da varanda do terraço que domina esta rua uma estrella, tendo no centro as iniciaes — P. V. — toda illuminada e cercada de bandeiras nacionaes.

Os lagos estavam esplendidos de luz que repercutindo-se na agua produzia um effeito maravilhoso. A concorrência foi extraordinaria e composta de todas as classes da sociedade.

No theatro do Gymnasio foi á scena uma nova comedia original intitulada *Um jantar amargurado*, de que daremos conta.

No theatro de D. Fernando tambem se representou uma comedia-drama *A Missão*, do sr. J. C. dos Santos, autor e actor de bastantes esperanças. O producto da recita d'esta noite era destinado a beneficio das casas d'asylo da infancia desvalida, do Campo Grande. Exercendo uma obra philantropica festejou este theatro o anniversario de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v.

ERNESTO BIESTER.

EXPEDIENTE.

Roga-se aos srs. Assignantes tanto das Provincias como da Capital que não tem satisfeito as suas assignaturas, o obsequio de o fazerem com a possivel brevidade; os das Provincias pelo seguro do correio, e os da Capital dirigindo-se á loja do Editor, rua do Oiro n.º 227.

O Editor espera que os srs. Assignantes reconhecendo a justiça d'este seu pedido serão, como cavalheiros, promptos em o satisfazer.

Assigna-se para o Panorama e Illustração em Lisboa, na livraria do Editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Oiro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

São correspondentes do Editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 91; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.

AVISO.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos seus correspondentes.

Acham-se completos 8 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1674.